

ROBERTO BOLAÑO

Estrela distante

Tradução
Bernardo Ajzenberg



Copyright © 1996 by Roberto Bolaño

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Estrella distante

Capa

warrakloureiro

Foto de capa

?

Preparação

Silvia Massimini Felix

Revisão

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bolaño, Roberto

Estrela distante / Roberto Bolaño ; tradução Bernardo
Ajzenberg. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: Estrella distante

ISBN 978-85-359-1562-4

1. Ficção chilena I. Título.

99-09947

CDD-c861

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura chilena c861

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

1.

A primeira vez que vi Carlos Wieder foi em 1971 ou talvez 1972, quando Salvador Allende era presidente do Chile.

Dizia chamar-se Alberto Ruiz-Tagle e às vezes aparecia na oficina de poesia de Juan Stein, em Concepción, a chamada capital do Sul. Não posso dizer que o conhecia bem. Via-o uma vez por semana, ou duas, quando ia à oficina. Não falava muito. Eu sim. A maioria de nós que íamos ali falava muito: não só de poesia, mas de política, de viagens (naquela ocasião, ninguém imaginava que viriam a ser aquilo que foram depois), pintura, arquitetura, fotografia, revolução e luta armada; a luta armada que nos traria uma nova vida e uma nova época, mas que para a maioria de nós era como um sonho ou, mais propriamente, como a chave que nos abriria a porta dos sonhos, os únicos pelos quais valia a pena viver. E embora soubéssemos vagamente que os sonhos muitas vezes se transformam em pesadelos, isso não importava. Tínhamos entre dezessete e vinte e três anos (eu tinha dezoito), e quase todos nós estudávamos na Faculdade de Letras, menos as irmãs Garmendia, que cursavam sociologia e

psicologia, e Alberto Ruiz-Tagle, que, segundo ele mesmo afirmou certa vez, era autodidata. Muita coisa poderia ser dita sobre ser um autodidata no Chile daqueles dias que antecederam 1973. A verdade é que ele não parecia um autodidata. Quero dizer: *exteriormente*, não parecia um autodidata. Estes, no Chile, no começo dos anos 70, na cidade de Concepción, não se vestiam da maneira como Ruiz-Tagle se vestia. Os autodidatas eram pobres. Falava como um autodidata, isso sim. Falava como eu suponho que todos nós falamos agora, aqueles que ainda estamos vivos (falava como se vivesse no meio de uma nuvem), mas se vestia bem demais para quem não tinha sequer pisado numa universidade. Não quero dizer que fosse elegante — embora o fosse, sim, à sua maneira — nem que se vestisse de uma forma determinada; seu gosto era eclético: às vezes aparecia de terno e gravata, outras vezes com roupas esportivas, e não desdenhava do jeans nem de camisetas. Mas, qualquer que fosse o traje, Ruiz-Tagle sempre usava roupas caras, de grife. Em resumo, Ruiz-Tagle era elegante, e eu, naquela época, não achava que os autodidatas chilenos, sempre entre os manicômios e o desespero, fossem elegantes. Certa vez disse que seu pai ou seu avô tinha sido dono de umas terras na região de Puerto Montt. Ele contava (ou o ouvimos contar a Verónica Garmendia) que decidiu largar os estudos aos quinze anos para se dedicar ao trabalho no campo e à leitura da biblioteca paterna. Nós, da oficina de Juan Stein, dávamos como certo que ele era um bom cavaleiro. Não sei por quê, já que nunca o vimos montando nenhum cavalo. Na realidade, todas as suposições que podíamos estabelecer a respeito de Ruiz-Tagle eram predeterminadas pelo nosso ciúme, ou talvez por nossa inveja. Ruiz-Tagle era alto e magro, forte e de belas feições. Segundo Bibiano O’Ryan, era um sujeito de feições excessivamente frias para serem belas, mas, claro, Bibiano disse isso bem mais tarde, e assim não vale. Por que tínhamos ciúme de Ruiz-Tagle? O plural,

aqui, é exagerado. Quem tinha ciúme era eu. Talvez Bibiano compartilhasse dele. O motivo, claro, eram as irmãs Garmendia, gêmeas univitelinas e estrelas incontestáveis da oficina de poesia. Tanto que às vezes tínhamos a sensação (Bibiano e eu) de que Stein dirigia toda a oficina em função apenas das duas. Eram, admito, as melhores. Verónica e Angélica Garmendia eram tão iguais em certos dias que ficava impossível distinguir uma da outra, e tão diferentes em outros dias (sobretudo em *outras* noites) que pareciam duas desconhecidas, quando não inimigas uma da outra. Stein as adorava. Além de Ruiz-Tagle, era o único que sempre sabia quem era Verónica e quem era Angélica. Mal consigo falar sobre elas. Às vezes aparecem nos meus pesadelos. Têm a mesma idade que eu, talvez um ano a mais, e são altas, magras, de pele morena e cabelos pretos compridos, como acredito que fosse moda naquela época.

As irmãs Garmendia ficaram amigas de Ruiz-Tagle quase de imediato. Ele ingressou na oficina de Stein em 71 ou 72. Ninguém o havia visto antes, nem na universidade nem em parte alguma. Stein não lhe perguntou de onde vinha. Pediu que lesse três poemas e disse que não eram ruins. (Stein só elogiava abertamente os poemas das irmãs Garmendia.) E ficou conosco. No começo, não lhe dávamos bola. Mas, quando vimos que as Garmendia começaram a ficar amigas dele, também ficamos amigos de Ruiz-Tagle. Até então, seu comportamento era de uma cordialidade distante. Era abertamente simpático, cheio de delicadeza e atencioso apenas com as Garmendia (e nisso se parecia com Stein). Quanto aos outros, como já disse, tratava-nos com uma “cordialidade distante”, quer dizer, cumprimentava-nos, sorria, era discreto e ponderado em sua avaliação crítica quando líamos nossos poemas, nunca defendia seus textos contra nossos ataques (costumávamos ser demolidores) e nos escutava, quando lhe falávamos alguma coisa, com algo que hoje eu jamais me

atreveria a chamar de atenção, mas que na época assim nos parecia.

As diferenças entre Ruiz-Tagle e os demais eram evidentes. Falávamos em gíria ou com um jargão marxista-mandraqueiro (a maioria de nós era membro ou simpatizante do MIR ou de partidos trotskistas, embora um ou outro, creio, militasse nas Juventudes Socialistas ou no Partido Comunista ou, ainda, em um dos partidos da esquerda católica). Ruiz-Tagle falava em espanhol. Aquele espanhol de certos lugares do Chile (*lugares* mais mentais do que físicos) onde o tempo parece que não passa. Morávamos com nossos pais (os de Concepción) ou em pensões estudantis baratas. Ruiz-Tagle morava sozinho, em um apartamento próximo do centro, com quatro quartos com as cortinas permanentemente fechadas, que nunca visitei mas sobre o qual Bibiano e a Gorda Posadas me contaram coisas, muitos anos depois (coisas contaminadas, já, pela lenda maldita de Wieder), que não sei se são verdadeiras ou se devem ser atribuídas à imaginação de meu ex-colega. Quase nunca tínhamos grana (é engraçado escrever agora a palavra grana: brilha como um olho na escuridão);* quanto a Ruiz-Tagle, dinheiro nunca lhe faltou.

O que Bibiano me contou sobre a casa de Ruiz-Tagle? Foi principalmente de seu despojamento; teve a sensação de que a casa estava *preparada*. Esteve ali sozinho uma única vez. Passava por perto e decidiu (Bibiano é assim mesmo) convidar Ruiz-Tagle para ir ao cinema. Passava um filme de Bergman, não me lembro qual. Bibiano já tinha estado na casa duas vezes, sempre acompanhando uma das Garmendia, e nas duas oportunidades a visita era, digamos, de alguma maneira aguardada. Então, naquelas visitas com as Garmendia, a casa lhe pareceu

* O autor faz um jogo com a palavra *plata*, que na gíria significa dinheiro mas que é também prata, daí a ideia de brilho na escuridão. (N. T.)

preparada, arrumada para o olhar de quem ali chegasse, vazia demais, com espaços onde nitidamente faltava alguma coisa. Na carta em que me contou essas coisas (escrita muitos anos depois), Bibiano dizia que tinha se sentido como Mia Farrow em *O bebê de Rosemary*, quando vai pela primeira vez, com John Cassavettes, à casa de seus vizinhos. Faltava alguma coisa. Na casa do filme de Polanski, o que faltava eram os quadros, preventivamente retirados para não assustar Mia e Cassavettes. Na casa de Ruiz-Tagle, o que faltava era alguma coisa inominável (ou que Bibiano, anos depois e já ciente da história ou de boa parte da história, considerou inominável porém presente, tangível), como se o anfitrião tivesse amputado pedaços de sua moradia. Ou como se esta fosse um brinquedo de armar que se adaptava às expectativas e particularidades de cada visitante. Essa sensação se acentuou quando ele foi sozinho à casa. Ruiz-Tagle, evidentemente, não o aguardava. Demorou a abrir a porta. Quando o fez, pareceu não reconhecer Bibiano, embora este me garanta que Ruiz-Tagle abriu a porta com um sorriso e que em nenhum momento parou de sorrir. Não havia muita luz, como ele próprio admite, portanto não sei até que ponto meu amigo está próximo da verdade. De qualquer maneira, Ruiz-Tagle abriu a porta e, depois de uma troca de palavras mais ou menos sem sentido (demorou a entender que Bibiano estava ali para convidá-lo a ir ao cinema), fechou-a novamente, não sem antes pedir que esperasse um pouco, e depois de alguns segundos abriu-a de novo e convidou-o a entrar. A casa estava na penumbra. O cheiro era denso, como se Ruiz-Tagle tivesse preparado na noite anterior alguma comida muito forte, cheia de gordura e especiarias. Por um momento Bibiano acreditou ter ouvido um ruído vindo de um dos quartos e supôs que Ruiz-Tagle estivesse com uma mulher. Quando ia se desculpar e dar o fora, Ruiz-Tagle perguntou que filme estava pensando em ver. Bibiano disse que era

um de Bergman, no Teatro Lautaro. Ruiz-Tagle voltou a sorrir, com aquele mesmo sorriso que para Bibiano parecia enigmático e que eu achava arrogante, quando não explicitamente exagerado. Pediu desculpas, disse que já tinha um encontro marcado com Verónica Garmendia e que, além disso, segundo explicou, não gostava dos filmes de Bergman. Naquele momento, Bibiano estava convencido de que havia outra pessoa na casa, alguém imóvel e que ouvia atrás da porta sua conversa com Ruiz-Tagle. Considerou que devia ser justamente Verónica, pois, do contrário, como explicar que Ruiz-Tagle, normalmente tão discreto, a tinha mencionado? Contudo, por mais que se esforçasse, não conseguiu imaginar nossa poeta numa situação como aquela. Nem Verónica nem Angélica Garmendia eram de ficar ouvindo conversas atrás da porta. Quem seria, então? Bibiano não sabe. Naquela hora, provavelmente, a única coisa que ele sabia é que queria sair dali, despedir-se de Ruiz-Tagle e nunca mais voltar àquela casa vazia e sangrada. Palavras dele. Embora, de acordo com sua descrição, a casa não tivesse como exibir aspecto mais asséptico. Paredes limpas, livros ordenados numa estante de metal, as poltronas cobertas com ponchos sulinos. Sobre um pequeno banco de madeira, a Leika de Ruiz-Tagle, a mesma que ele usou certa tarde para tirar fotos de todos os integrantes da oficina de poesia. A cozinha, que Bibiano enxergou através de uma porta semiaberta, de aparência normal, sem o acúmulo de panelas e pratos sujos típico da casa de um estudante que mora sozinho (mas Ruiz-Tagle *não* era um estudante). Enfim, nada que fugisse do normal, a não ser aquele barulho, que bem podia ter vindo do apartamento vizinho. Segundo Bibiano, enquanto Ruiz-Tagle falava ele teve a sensação de que este não *queria* que ele se fosse, de que falava justamente para retê-lo ali. Essa sensação, sem nenhuma base concreta, contribuiu para elevar o nervosismo de meu amigo a níveis, segundo ele, intoleráveis. O mais curioso

é que Ruiz-Tagle parecia desfrutar a situação: percebia que Bibiano estava cada vez mais pálido ou mais suado e continuava falando (de Bergman, suponho) e sorrindo. A casa permanecia num silêncio que as palavras de Ruiz-Tagle só faziam acentuar, sem chegar em nenhum momento a interrompê-lo.

De que falava ele?, pergunta-se Bibiano. Seria importante, escreve em sua carta, que se lembrasse, mas, por mais que me esforce, é impossível. O fato é que Bibiano aguentou o máximo que pôde, depois se despediu de uma forma mais ou menos atropelada e foi embora. Na escada, pouco antes de chegar à saída, cruzou com Verónica Garmendia, que lhe perguntou se estava acontecendo alguma coisa com ele. O que pode estar acontecendo?, disse Bibiano. Não sei, respondeu Verónica, mas você está branco que nem papel. Nunca esquecerei estas palavras, diz Bibiano em sua carta: *branco que nem uma folha de papel*. Nem o rosto de Verónica Garmendia. Rosto de uma mulher apaixonada.

É triste ter de admiti-lo, mas é isso mesmo. Verónica estava apaixonada por Ruiz-Tagle. E pode até ser que Angélica também estivesse apaixonada por ele. Certa vez Bibiano e eu conversamos sobre isso, faz muito tempo. Imagino que o que mais nos doía era que nenhuma das Garmendia estivesse apaixonada ou ao menos interessada por nós. Bibiano gostava de Verónica. Eu gostava de Angélica. Nunca nos atrevemos a lhes dizer nenhuma palavra a respeito, embora eu acredite que nosso interesse por elas fosse publicamente conhecido. Coisa em que não nos diferenciávamos do restante dos participantes masculinos da oficina, todos, uns mais, outros menos, apaixonados pelas irmãs Garmendia. Mas elas (ou pelo menos uma delas) tornaram-se presas do charme incomum do poeta autodidata.

Autodidata, sim, mas preocupado em aprender, como constatamos Bibiano e eu quando o vimos aparecer na oficina de poesia de Diego Soto, a outra oficina de vanguarda da Universidade

de Concepción, que rivalizava, digamos, na ética e na estética, com a oficina de Juan Stein, embora Stein e Soto fossem o que na época se chamava, e suponho que ainda se chama, amigos do peito. A oficina de Soto se realizava na Faculdade de Medicina, não sei por que motivo, em uma sala mal ventilada e mal mobiliada, separada apenas por um corredor do anfiteatro onde os estudantes dissecavam cadáveres nas aulas de anatomia. O anfiteatro, é claro, recendia a formol. O corredor, às vezes, também recendia a formol. E em algumas noites, pois a oficina de Soto se realizava todas as sextas-feiras das oito às dez, embora geralmente costumasse acabar depois da meia-noite, a sala se impregnava de um cheiro de formol que tentávamos em vão mitigar acendendo um cigarro atrás do outro. Os frequentadores da oficina de Stein não iam à de Soto e vice-versa, com exceção de Bibiano O’Ryan e eu, que na verdade compensávamos nossa ausência crônica nas aulas comparecendo não só às oficinas, mas também a todos os recitais ou reuniões culturais ou políticas realizadas na cidade. Por isso, ver Ruiz-Tagle aparecer por ali certa noite foi uma surpresa. Sua atitude foi mais ou menos a mesma que mantinha na oficina de Stein. Ouvia, fazia críticas ponderadas, breves e sempre num tom cordial e educado, lia seus próprios trabalhos com desprendimento e certa distância e aceitava sem replicar até mesmo os piores comentários, como se os poemas que submetia à nossa crítica não fossem *dele*. Isso foi percebido não só por nós, Bibiano e eu; uma noite, Diego Soto lhe disse que ele escrevia com distanciamento e frieza. Não parecem poemas seus, observou ele. Ruiz-Tagle reconheceu isso sem se alterar. Estou tateando, respondeu.

Na oficina da Faculdade de Medicina, Ruiz-Tagle conheceu Carmen Villagrán, e os dois ficaram amigos. Carmen era uma boa poeta, embora não tão boa como as irmãs Garmendia. (Os melhores poetas ou candidatos a poetas estavam na oficina de